

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS- PORTUGUÊS
PESQUISA EDUCACIONAL

DÉBORA DA SILVA MOREIRA

**DE BENTINHO A CASMURRO: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DO
*BILDUNGSROMAN***

MACEIÓ, 2021

DÉBORA DA SILVA MOREIRA

**DE BENTINHO A CASMURRO: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DO
*BILDUNGSROMAN***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a banca examinadora, como requisito parcial para obtenção do grau de graduada em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Sarmiento

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M838d Moreira, Débora da Silva.
De Bentinho a Casmurro : um olhar sob a perspectiva do *Bildungsroman* / Débora da Silva Moreira. – 2021.
30 f.

Orientador: Roberto Sarmiento.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 29-30.

1. *Bildungsroman*. 2. Romance de formação. 3. Personagens. I. Título.

CDU: 82-31



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA ALUNA DÉBORA DA SILVA MOREIRA

MATRÍCULA: 16112959

TÍTULO DO TCC: DE BENTINHO A CASMURRO: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DO *BILDUNGSROMAN*

Aos vinte dias do mês de abril do ano de 2021 reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, constituída pelos professores doutores

ROBERTO SARMENTO LIMA (Professor Orientador), SUSANA SOUTO SILVA e ANA CLARA MAGALHÃES DE MEDEIROS, os quais julgaram o trabalho (X)

APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof. Orientador: 10,0 (dez _____)

1ª Profª Examinadora: 10,0 (dez _____)

2ª Profª Examinadora: 10,0 (dez _____).

Totaliza-se, assim, a média 10,0 (dez _____),

ficando autorizados os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata, que será assinada pela Comissão.

Maceió, 21 de abril de 2021

Prof./a Orientador/a:

1º Prof./a Examin./a:

2º Prof./a Examin./a:

VISTO DA COORDENAÇÃO

Sumário

Introdução	4
1. Dom Casmurro e o <i>Bildungsroman</i> : Teoria e percurso histórico.	6
2. O tempo histórico em Dom Casmurro	11
2.1 A elite brasileira do século XIX	13
2.2 O lugar da família e a mulher no Brasil do século XIX	16
3. “Atar as duas pontas de vida e restaurar na velhice adolescência.”	18
3.1 A infância em Mata-Cavalos: a ausência paterna e a primeira formação.	19
3.2 “ Fui para o seminário. Poupa-me as outras despedidas.”	22
3.3 “Venceu a razão; fui-me aos estudos”	24
3.4 “Tu serás feliz, Bentinho”	25
4. “E bem, e o resto?”	27
Considerações finais	28

Resumo: O romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ao longo de cento e vinte um anos de existência, tem sido investigado pela crítica literária sob diversas perspectivas pelo fato de apresentar características inquietantes e predominantemente marcadas pelo “realismo psicológico”. A obra é narrada por Bento Santiago, que, na condição de casmurro, apresenta fatos de sua vida desde a infância até a fase adulta. Nesse sentido, o romance é construído a partir de um discurso em que predomina a ocultação de fatos por parte do narrador, com o fim de moldar as possíveis impressões que o leitor poderia ter a seu respeito e, na mesma medida em que molda essas impressões, forma a personalidade que ele deseja apresentar. Diante disso, o presente trabalho visa analisar o desenvolvimento da personagem Bentinho sob a perspectiva de estudo do romance de formação, em alemão *Bildungsroman*. O romance de formação é compreendido como uma modalidade de romance que considera a trajetória da vida do protagonista em todas as suas fases e evidencia seu desejo pela formação, pela adequação ao mundo e pela socialização. Assim, considerando a trajetória apresentada no discurso de *Dom Casmurro*, os estudos de Franco Moretti (1999) e as considerações de Bakhtin (1997), a respeito do romance de formação, o reconhecemos como uma chave de leitura possível para a compressão do narrador e personagem Bento Santiago.

Palavras-chave: *Bildungsroman*. Formação. Personagem.

Palavras-chave: *Bildungsroman*, formação, personagem

Abstract: The novel *Dom Casmurro*, by Machado de Assis, over a hundred and twenty-one years of existence, has been investigated by literary criticism from different perspectives because it presents disturbing characteristics and predominantly marked by “psychological realism”. The work is narrated by Bento Santiago, who, as a casmurro, presents facts of his life from childhood to adulthood. In this sense, the novel is built from a discourse in which the narrator hides facts, in order to shape the possible impressions that the reader might have about him and, to the same extent that he shapes these impressions, forms the personality he wants to present. Therefore, the present work aims to analyze the development of the character Bentinho from the perspective of studying the formation novel, in German *Bildungsroman*. The formation novel is understood as a modality of romance that considers the life trajectory of the protagonist in all its phases and evidences his desire for formation, adaptation to the world and socialization. Thus, considering the trajectory presented in *Dom Casmurro*'s discourse, Franco Moretti's studies (1999) and Bakhtin's (1997) considerations regarding of the formation novel, we recognize it as a possible reading key for the compression of the narrator and character Bento Santiago, from Machado.

Keywords: *Bildungsroman*. Formation. Character.

Introdução

Publicado em 1889, o romance *Dom Casmurro* se configurou como um dos romances mais importantes do realismo brasileiro, devido a seu caráter inovador e provocador de variadas interpretações. É inovador, porque recorreu ao ponto de vista da primeira pessoa, modalidade mais apropriada ao Romantismo, por sua carga de subjetividade, e também porque o narrador mostra os fatos com muita digressão; e é também provocador, porque se serve de certo despiste no enredo capaz de fazer o leitor pensar que está lendo uma coisa e, depois, outra, julgando ter-se enganado, o que torna a narrativa meio avessa ao relato realista, geralmente preso a determinações de linguagem mais objetiva, mais fotográfica. Em *Dom Casmurro*, o narrador escorrega entre os dedos do leitor, confundindo-o, enquanto projeta mais de uma interpretação.

Por outro lado, repleto de personagens curiosas e de características típicas das figuras sociais do Brasil do século XIX — esse é o viés sociológico que também interessa aqui, tanto quanto o ponto de vista estético que acabei de enunciar e que entra como justificação do tom realista documental —, essa obra machadiana foi e ainda é alvo de diversas análises e estudos, dentro das mais diversas visões possíveis. O crítico literário Roberto Schwarz (1997), ao observar a organização intrincada do enredo, sugere que sejam feitas três leituras possíveis dessa obra:

[...] uma, romanesca, onde acompanhamos a formação e decomposição de um amor; outra, de ânimo patriarcal e policial, à cata de prenúncios e evidências do adultério, dado como indubitável; e a terceira, efetuada a contracorrente, cujo suspeito e logo réu é o próprio Bento Santiago, na sua ânsia de convencer a si e o leitor da culpa da mulher. (Schwarz 1993 ,p.41)

Partindo desses pressupostos, é perceptível que o enredo de *Dom Casmurro* é intrincado e não se limita a apenas uma interpretação, conforme já afirmei. No entanto, um leitor ingênuo pode ser enganado pelo narrador e se deter apenas ao aspecto de acusação de adultério feita por Bentinho a Capitu. Foi exatamente isso o que aconteceu comigo desde a primeira leitura de *Dom Casmurro*, feita ainda no meu ensino médio, por meio da qual passei a considerar Bentinho como uma vítima do caráter dissimulado de Capitu, que é leitura corrente e esperada nesse nível de ensino.

No entanto, com o ingresso no curso de Letras, passei a ter contato com diversas teorias e, ainda no segundo período do curso, após uma releitura da obra, percebi que

Dom Casmurro poderia ser explorado de maneira renovada, com mais cuidado e apuro crítico. Em virtude dos conhecimentos adquiridos no curso, compreendi que a discussão do adultério era apenas um pano de fundo para esconder o verdadeiro caráter do narrador. Nesse sentido, não poderia terminar o curso de Letras sem pesquisar algo sobre essa obra-prima de Machado. Diante disso, passei a considerar a possibilidade de explorar academicamente a personalidade de Bentinho, cujo percurso dentro do romance se dá desde sua infância e adolescência, quando ele vai moldando o seu caráter, até chegar à vida adulta, passando pelo casamento e chegando à fase madura, já imerso em sua solidão e ressentimento. Para a conquista desse objetivo, tive, como ponto de partida, o fato de o romance ter sido escrito a partir da voz narrativa do próprio protagonista, Bento Santiago, homem dotado de hábitos “calados e reclusos”. Mais calado e recluso quando se vê diante do impasse que o casamento lhe interpôs. Certo da traição da mulher, o romance conta a história de um menino, um rapaz que, desde cedo, tinha o controle das coisas na mão, sem nunca desistir de suas convicções. O que Bento leva para a vida adulta é o que ele já trazia desde adolescente: certeza das coisas, sentimentos de proprietário dominador, sua condição de classe que o fazia senhor de tudo. Enfim, como diz Bakhtin (1992, p. 235), a narrativa que brota desse espírito é a de um “homem em formação”, ou seja, o homem “em devir”, apesar de o narrador querer mostrar sua casca dura e impenetrável, como se não passasse por transformações — o que é outro ardil da construção desse romance.

Considerando isso, percebi que a narração de Bentinho revela traços de sua personalidade e elementos do período histórico e social do Brasil do século XIX fundamentais para a compreensão dessa obra. São essas particularidades em *Dom Casmurro* que fazem o leitor adentrar num emaranhado de possíveis interpretações a respeito da figura de Bentinho, o que, de certo modo, coloca em destaque possíveis questionamentos que podem ser feitos com relação aos objetivos do narrador e personagem machadiano ao escrever uma narrativa em resgate de suas memórias.

Diante dessas considerações, compreendi que a narração de Bentinho não pode passar despercebida, pelo contrário, deve ser objeto de minha atenção, pois para uma boa leitura da obra é imprescindível uma leitura atenta do que nos é contado pelo narrador. Nesse sentido, ter um olhar atento para o processo formativo do romance — sim, um romance que conta acima de tudo um processo formativo, em devir, apesar de o narrador desejar manter inalterados seus pontos de vista —, é de suma importância para comprovar que o romance de Machado pode ser enquadrado como uma espécie de

Bildungsroman, modalidade de romance conhecida como *romance de formação*, que considera a vida do protagonista em suas diversas fases.

A partir disso, pretendo, também, defender a ideia de que o objetivo de Bentinho, ao escrever uma narrativa, com o fim de “atar as duas pontas de vida e restaurar a adolescência na velhice”, é moldar o olhar do leitor sobre si mesmo, controlando não apenas sua leitura, mas também suas possíveis impressões. Pode tudo se transformar, pode tudo passar, mas Bentinho mantém, ao menos aparentemente, seu núcleo duro de homem cuja formação, mesmo entre altos e baixos, só serve para lhe dizer que ele, em quase tudo que diz, estava certo e que quem errou não foi ele. Assim, tendo como base tais pressupostos, proponho-me a analisar a trajetória da personagem Bentinho sob a perspectiva do *Bildungsroman*, para tanto será respaldado o percurso histórico dessa modalidade de romance e serão utilizados, para a análise, os estudos teóricos do professor Franco Moretti a respeito do *Bildungsroman*, na obra *Romance de formação*, (1999), e as considerações de Bakhtin, na obra *Estética da criação verbal* (1997), a respeito do romance de formação na história do realismo.

1. Dom Casmurro e o *Bildungsroman*: Teoria e percurso histórico.

A definição do *Bildungsroman* só se deu a partir do reconhecimento do romance como gênero literário, que ocorreu apenas na segunda metade do século XVIII. Conseqüentemente, seu surgimento se liga intimamente à ascensão da burguesia incipiente, que quis ver refletidos seus ideais em um veículo literário, o romance. (MAAS, 2000, p. 17). É a partir disso que o romance se torna conhecido como um gênero autorrepresentativo da classe burguesa, devido à sua forte capacidade de descrição da realidade e da formação de um mundo subjetivamente vivenciado.

Entretanto, é apenas após essa fase que o romance de formação ganha devido destaque. Um estudioso do gênero, Blanckenburg (1774), cunhou a exigência de que o romance deve apresentar o indivíduo efetivo e explicar, sobretudo, o interior do homem — explicação que deve se apoiar no estatuto de igualdade entre os mundos interior e exterior. (BLANCKENBURG, apud 2014 Oliveira, p.06). Mais tarde, Hegel utilizou o livro *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* para definir características do romance moderno, traçando, desse modo, considerações importantes para a consolidação do romance enquanto gênero tipicamente literário.

É a partir desses estudos que o professor de filologia clássica Karl Morgensternem emprega pela primeira vez, no ano de 1803, o termo equivalente ao romance de formação, *Bildungsroman*, em uma conferência sobre as relações entre romances filosóficos. Em 1820, Morgenstern estabelece uma relação entre o termo por ele criado e o romance de Goethe, *Os anos de*

aprendizado de Wilhelm Meister, concebendo tal obra como modelo paradigmático de definição do gênero. Segundo Morgenstern, a obra de Goethe seria considerada *Bildungsroman*, sobretudo devido “a seu conteúdo porque ela representa a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade” (MORGENSTERN, apud MAAS 1988, p. 64).

Não seria isso que *Dom Casmurro* apresenta? Um roteiro de uma personagem que, desde a infância e a adolescência, cria para si mesmo uma imagem *pronta e acabada*, apenas disfarçada de surpresas pelo meio do caminho? Uma imagem *pronta* que quer simular para si mesma que está à deriva, mas que nunca, em momento algum, essa personagem perde o rumo da narração, forma com que *se educa a si mesmo*? A sua educação é, desse modo, rígida, dentro dos padrões morais da época; mas, por dentro, ele se revela uma alma em revolução permanente.

Para a riqueza da crítica literária da época, os estudos sobre o *Bildungsroman* foram ampliados pelo filósofo Wilhelm Dilthey, que acabou associando o termo à situação de isolamento político da burguesia alemã vinculado aos fenômenos sociais e culturais do Iluminismo no século XVIII. O filósofo defende que isso se dá pelo fato de *Bildungsroman* manifestar “o individualismo de uma cultura que está limitada à esfera de interesses da vida privada” (1988:120). É diante disso que Dilthey ressalta que o protótipo do *Bildungsroman* pertenceria à literatura alemã, com *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, já que a obra de Goethe trata da “história da formação de um filho de burgueses que vai ascendendo por meio da arte e que, através de diversas aventuras, entra na alta sociedade” (DILTHEY, 1978, p. 323).

Por conta disso, o *Bildungsroman* é considerado uma forma literária originada em meio a circunstâncias ideológicas e históricas intimamente ligadas à formação cultural e política da Alemanha, assim como evidenciam os estudos de Maas (1999):

O termo *Bildungsroman* nasce portanto vinculado a circunstâncias históricas bastantes específicas, contemporâneas do fortalecimento do desejo burguês pelo auto-aperfeiçoamento e pelo reconhecimento de uma nacionalidade que sustentasse sua identificação política. (MAAS, p.68)

É sob esse aspecto que o romance de formação se consolida como subgênero dentro do gênero narrativo. Diante disso, Santana (2003) considera o romance de formação como um dos subgêneros mais importantes do século XVIII para a evolução e consolidação do romance como gênero hegemônico diante das demais formas narrativas.

Tendo em vista as últimas exposições, podemos, então, compreender a consolidação histórica de algumas características sob as quais se identifica o *Bildungsroman*. De tal modo, é possível também identificar em quais aspectos tais características são identificáveis na trajetória da formação da personalidade de Bentinho, em *Dom Casmurro*. Hauser (1972), estudioso do gênero, destaca que, no *Bildungsroman*, a formação do protagonista se torna pano de fundo para história de formação de um mundo em que a cultura individual, a do protagonista, passa a ser a principal fonte da cultura e da perspectiva social de modo geral. Numa perspectiva mais conservadora do termo, o romance de formação configura a formação do jovem de família burguesa, seu desejo de aperfeiçoamento como indivíduo nos aspectos cognitivos, sentimentais e espirituais.

Considerando tais elementos do *Bildungsroman*, a partir de uma observação atenta do enredo de *Dom Casmurro*, percebemos que tais aspectos se associam intimamente às intenções de Bentinho ao narrar a sua própria história. Apesar de *Dom Casmurro* nunca ter sido identificado como um romance de formação — o que poderá causar estranheza em alguns críticos —, cumpre salientar que as características narrativas de seu enredo revelam marcadamente traços de uma busca por formação de personalidade por parte do próprio Bentinho. Embora seja reconhecido em partes como um romance de cunho memorialístico, o personagem principal de *Dom Casmurro* não esconde sua intenção ao construir um livro que revela sua identidade pela qual prima, como um ardiloso construtor da imagem de si mesmo, já que parece pleno de virtudes e Capitu, a fonte de todos os pecados reunidos numa só pessoa. Afinal, como diz Bakhtin tratando dessa questão,

Na maioria das variantes do gênero romanesco, o enredo, a composição e toda a estrutura interna do romance postulam a imutabilidade, a firmeza da imagem do herói, a unidade estática que ele representa. O herói é uma *grandeza constante* na fórmula do romance; as outras grandezas — o ambiente espacial, a situação social, a fortuna, em suma, todos os aspectos da vida e do destino do herói — são *grandezas variáveis*. (BAKHTIN, 1992, p. 236-237; grifos de Bakhtin)

Desse modo, percebe-se que, antes de tudo, Bentinho, ao construir uma narrativa a respeito da sua vida, revela o desejo que possui de encontrar a si mesmo, já que nesse tipo de romance ele é uma “grandeza constante” que precisa descobrir para si e para os outros como uma “unidade estática”. Nesse sentido, o mundo, representado por Capitu, José Dias, Escobar — justamente esses que podem enganar o coitado do narrador —, são “grandezas variáveis”, que não raro recorrem a simulações. Se Bento também é dissimulado, e isso pode ser também comprovado em outra análise que se faça dele,¹ a verdade é que, nesse jogo de aparências, ele é o que tem de si uma verdade

quase absoluta. Pois é ele quem manda na narrativa: é o narrador. Diz Bakhtin que há outros modelos de romance de formação, até contraditórios entre si (1992, p. 239), mas esse é o que melhor enquadra *Dom Casmurro*. Se há devir, este se encontra no mundo que passa e transforma as pessoas, enquanto o herói mantém a sua unidade central.

Mas o surpreendente, na análise que proponho aqui, é que, sendo *Dom Casmurro* um romance de surpresas e de avaliações contrastantes — Bentinho se apresenta imutável, invariável, conforme podemos ver, e, no entanto, ele é um embusteiro, um sonso, como detectou Marta de Senna — e sendo toda a construção do texto uma rede de metáforas enganosas, portadoras de grandes ambiguidades, venho defender que ver o narrador assim ou de outro jeito depende muito da ocasião como ele se apresenta ao longo do texto. Ele se trai por palavras. Quer passar por ingênuo, mas é arguto e sensível. E tal composição dá margem a que se pense que Bento Santiago quer ora parecer uma coisa, ora se deixar levar pelos próprios instintos de autopreservação, para a qual precisa culpar a mulher por seus infortúnios.

Quantos modelos, afinal, de romance de formação *Dom Casmurro* abriga?

Por isso é que ele emprega no enredo um discurso cujo tom, supostamente ingênuo, é utilizado para cativar o leitor, de quem busca receber empatia, adesão e consideração máxima. Nesse sentido, a escrita de um livro voltado à narrativa de sua vida seria o espaço perfeito para ele exercitar e exercer seu fascínio junto ao narratário, fascínio que persiste mesmo quando ele parece estar dilacerado pela dor após ter certeza do adultério. Pois é aí que o leitor, achando-o vítima, se compadece dele.

Nessa lógica, assim como destaca Morgenstern, o percurso do personagem do romance de formação deveria ser capaz de evidenciar sua trajetória e desenvolvimento e, além disso, induzir à educação do próprio leitor. Sob esse aspecto, o romance de formação passa a ser compreendido na história da literatura como um gênero orientado a para fins superiores bem além do divertimento e entretenimento. No caso de Bento Santiago, é notório que o que ele pretende é ter a aquiescência e a adesão das personagens que vivem em seu entorno, como também o respeito do leitor, que poderia, em última análise, projetar-se psicologicamente nesse narrador que muito tem de astúcia. Enfim, ele projeta e propõe uma *educação* válida por seus próprios objetivos narrativos. Nesse sentido é que o romance moraliza e ensina o leitor, forma-o também. Um dos pilares, aliás, do Realismo: a arte que disciplina e mantém a ordem do mundo, segundo suas convenções sociais.

É neste aspecto também que *Dom Casmurro* se assemelha ao romance de Goethe, quando o jovem Meister tenta empreender uma trajetória formativa de si mesmo, cujos principais objetivos se

¹ Marta de Senna, no livro *Alusão e zombaria: considerações sobre citações e referências na ficção de Machado de Assis*, diz isso mesmo: “Dom Casmurro é um narrador congenitamente embusteiro, já que nasce na narrativa e para a narrativa explicando-se através do engodo” (p. 59 desse ensaio).

resumem na expansão de suas potencialidades e no desejo de se tornar uma pessoa pública. *Meister* é consagrado como principal modelo do gênero, o que aponta, de certo modo, para uma dificuldade de compreensão de *Dom Casmurro* como romance revelador do *Bildungsroman*, pois na história da crítica algumas obras passaram a ser consideradas *Bildungsroman* em maior ou menor medida, considerando que o parâmetro principal era a maior ou menor semelhança com a obra de Goethe. Tendo em vista esse aspecto, o pesquisador brasileiro Flavio Quintale Neto (2009) aponta para a dificuldade de traduzir o termo de origem alemã, pois, segundo ele, não “há uma explicação completa e convincente do que vem a ser um *Bildungsroman*”. Em concordância, Maas (2000) afirma:

O *Bildungsroman* mostra-se, portanto, paradoxalmente, como um conceito facilmente identificável em razão dos pressupostos extremamente datados que permeiam sua gênese, e ao mesmo tempo como um conceito de difícil apreensão, em virtude do processo de vinculação aos diferentes núcleos discursivos que dele se apropriam. (MAAS, 2000: 263)

É por causa dessa dificuldade conceitual que se pode considerar o fato de *Dom Casmurro* não ter sido anteriormente reconhecido como um modelo de *Bildungsroman*. Além disso, no Brasil, por exemplo, essa categoria, até o momento, tem sido pouco estudada. Massaud Moisés foi um dos primeiros a empregar o *Bildungsroman* de modo sistematizado em sua obra *Dicionários de termos Literários*. Massaud, além de definir o conceito, ainda listou, por meio de um pequeno verbete, obras em língua portuguesa consideradas em certa medida *Bildungsroman*, dentre as quais se destaca a obra *O Ateneu*, escrito também no fim século XIX, assim como *Dom Casmurro*.

[...] Modalidade tipicamente alemã, gira em torno da experiências que sofrem as personagens durante os anos de formação ou educação, rumo da maturidade. [...] *O Ateneu* (1888) de Raul Pompéia, *Amar, verbo intransitivo* (1927) de Mário de Andrade, os romances do '*ciclo do açúcar*' (1933-1937) de José Lins do Rego, *Mundos Mortos* (1937), de Otávio de Faria, *Fanga* (1942), de Alves Redol, *Manhã Submersa*, de Vergílio Ferreira, o ciclo *A velha casa* (1945-1966) de José Régio. (MOISÉS, 1974, p. 63)

Apesar disso, percebemos que Massaud não aproxima, mesmo havendo algumas possíveis anotações favoráveis a essa ideia, a obra de Machado das características do romance de formação,

até porque Moisés dá um exemplo generalizante. Contudo, comparado ao que diz Bakhtin sobre o romance de formação, há uma tipologia flutuante para abrigar os diferentes romances, e *Dom Casmurro* é um deles, dada a sua carga altíssima de ambiguidades. Aliado a isso, poucos críticos brasileiros dedicaram-se à compressão do *Bildungsroman*. É assim que a pesquisadora Wilma Patrícia Maas inicia seu trabalho com o *Bildungsroman*, tema considerado inédito na bibliografia em língua portuguesa. Diante disso, a autora na obra *O cânone mínimo: O bildungsroman na história da literatura*, proporciona à crítica nacional um acervo cultural anteriormente pouco visitado. Assim, a estudiosa defende que narrativas que podem ser inseridas no campo daquelas que exploram a *Bildungs*

Devem ser consideradas como pertencentes ao gênero obras em cujo centro esteja a história de vida de um protagonista jovem, história essa que conduz, por meio de uma sucessão de enganos e decepções, a um equilíbrio com o mundo. Esse equilíbrio é, frequentemente, descrito de forma reservada e irônica; entretanto, ele é, como meta ou ao menos como postulado, parte necessariamente integrante de uma história da formação. (MAAS, 2000,p. 62)

Desse modo, apoiando-se em tais estudos teóricos, podemos voltar o olhar para *Dom Casmurro*, obra célebre da literatura brasileira. Nesse sentido, considerando o percurso histórico do romance de formação e os estudos mais modernos do termo, e verificando que ligações discretas podem ser vistas como decorrências da arquitetura do enredo, é possível a associação do conceito à análise da personagem Bentinho em *Dom Casmurro*.

2. O tempo histórico em Dom Casmurro

Em sua obra *Estética da criação verbal*, conforme vimos citando desde o início deste trabalho, Bakhtin dedica, exclusivamente, um espaço para tratar da espaço-temporalidade e da imagem do homem no romance. Nesse contexto, o teórico aborda alguns aspectos do romance de formação na história do realismo e utiliza como critério o grau de assimilação entre o tempo histórico real e o homem nessa temporalidade. Brevemente, Bakhtin oferece algumas definições de romance de formação que reforçam mais uma vez *Dom Casmurro* como pertencente a esse gênero. Trata-se de definições precisas e imediatas, mas suficientes para evidenciar, a partir da leitura de *Dom Casmurro*, o caráter cíclico do enredo da obra de Machado e, conseqüentemente, a personalidade dinâmica do jovem Bentinho.

Cumprido salientar que Bakhtin aborda várias características do romance de formação (sim, esse teórico enumera pelo menos cinco tipos com características diversas), mas se dedica a

apresentar conceitos e aspectos para além da ideia do romance (e das variantes romanescas) que conhece apenas a imagem preestabelecida do herói. É nesse ponto que podemos voltar o nosso olhar para *Dom Casmurro*, pois o teórico admite outras facetas do *Bildungsroman* (romance de formação), que rompem exatamente com essa perspectiva tradicional do gênero, cujo herói é habitualmente apresentado de maneira estática e como uma personagem que não sofre mudanças diante do tempo histórico real.

Aqui me coloco na encruzilhada de duas análises que, apesar de contrastantes, podem terminar se somando e, melhor ainda, atestando que o universo criado por Machado de Assis em *Dom Casmurro* é por definição carregado de ambiguidades. O romance é romance de formação? Sim, por essas considerações todas feitas até agora. Mas de que tipo, observando-se a tipologia proposta por Bakhtin? Justamente por ser ambíguo esse universo montado por Machado — que foge ao Realismo exato e cru e encaminha o romance à modernidade —, temos que o que vemos em Bentinho é uma combinação de mobilidade e imobilidade, segurança e certeza, por um lado, e, por outro, uma imagem de paralisia do caráter de Bentinho e uma mutação no caráter de Bentinho, gerando, a partir dessa multiplicidade de enfoque e classificações, um romance de caráter dinâmico, que acompanha a instabilidade das fases de sua vida, cujo tempo histórico real tem influência direta na formação de sua personalidade. Diante disso, é na seguinte categoria respaldada por Bakhtin (1997) em que melhor *Dom Casmurro* se insere:

[...] há outro tipo de romance, muito mais raro, que apresenta a imagem do homem em devir. A imagem do herói já não é uma unidade estática mas, pelo contrário, uma unidade dinâmica. Nesta fórmula de romance, o herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável. As mudanças por que passa o herói adquirem importância para o enredo romanesco que será, por conseguinte, repensado e reestruturado. O tempo se introduz no interior do homem, impregna-lhe toda a imagem, modificando a importância substancial de seu destino e de sua vida. Pode-se chamar este tipo de romance, numa acepção muito ampla, de romance de formação do homem. (1997, p. 238)

Tendo em vista esse critério de análise, o que percebemos é que os elementos extraliterários da história dialogam diretamente com a formação da personalidade do jovem Bentinho. Diante disso, é importante levar em conta também outro aspecto fundamental que Bakhtin (1997, p.239) destaca: “A formação (a transformação) do homem varia, porém, muito conforme o grau de assimilação do tempo histórico real”. Ao que eu acrescentaria: a formação é um percurso de contradições, contrastes, uma evolução errática ao longo da história de vida da personagem e da

história dos homens de maneira geral, de modo que se pode ver, em Bentinho, ora uma personalidade que não muda jamais e, ao mesmo tempo, uma personalidade que vive se desmanchado em outra, em contínuo devir.

Isso ocorre de tal modo, que o olhar da personagem sobre a vida é totalmente influenciado pelo seu contexto. Nesse aspecto, como o tempo histórico real se passa em meados do século XIX, é importante ressaltar que o tempo e o enredo da narrativa também se passam nessa época, em estrita correspondência temporal entre o livro e o tempo de sua produção, ainda mais em livros que se querem realistas, já que nessa época do romance, em fins do século XIX, se exigia, para melhor compreensão do enredo, que houvesse contemporaneidade entre o fato narrado e a sua escrita.

Apesar de isso não ser totalmente a ocupação do discurso de Bentinho, devido ao fato de o personagem cumprir o objetivo de escrever uma narrativa em defesa de si próprio, temos um enredo que escancara diretamente o cenário da época e, além disso, um narrador que ingenuamente revela totalmente o que de fato influencia a formação de sua personalidade, sendo a elite brasileira do século XIX o seu lugar de ocupação social, cujos traços fundamentais ele, aliás, não esconde, mas os revela bem. Nesse sentido, compreender como se organizavam as relações sociais e familiares no Brasil do século XIX é imprescindível para perceber como o personagem de Machado se desenvolveu ao longo do romance e para compreender em que medida o tempo histórico real contribuiu para sua formação. Como se pode ver, nesta parte da análise, as razões das alterações do caráter de Bentinho — ora um, ora outro, ora apresentando-se seguro de si, ora mostrando-se débil, perplexo, traído, inseguro — são as razões que acompanham a evolução da própria situação social e histórica do Brasil, que não conhece momentos de definição serena nem de estabilidade garantida.

2.1 A elite brasileira do século XIX

A narrativa de *Dom Casmurro* é traçada evidentemente sob pano de fundo do Brasil do século XIX. O próprio Machado de Assis é principal personagem desse contexto e acompanha de perto acontecimentos importantes da história do Brasil, como a consolidação imperial, o Segundo Reinado, a queda imperial brasileira, o início da República e a formação da própria literatura nacional, em virtude da qual se tornou um dos principais contribuidores. É nesse contexto de formação do Brasil que as personagens de Machado são arquitetadas. Em especial, a narrativa de Bentinho se situa na segunda metade do século XIX, época essa em que a sociedade brasileira passou por mudanças fundamentais nos campos políticos, sociais e, conseqüentemente, na forma como os próprios brasileiros enxergavam a realidade.

Sob esse contexto, temos como elemento na história da literatura o tratamento da infância e da adolescência como tema literário. Machado de Assis, como um bom observador da tradição,

inicia no Brasil uma nova perspectiva ficcional com relação a esse tema, tendo em vista que é justamente nessa época — marcada pelo atraso escravocrata e o desejo de impulsionar-se rumo à modernidade — em que os valores do patriarcado, como modelo espiritual de civilização, estavam em alta num país de formação colonial mas em busca de uma definição de identidade cultural, à qual, entretanto, o passado carregado de valores do colonizador europeu estava ainda bem colado. Com isso, a literatura brasileira recebe *Dom Casmurro*, romance fortemente marcado pela dimensão psicológica de seu protagonista, de ambígua estruturação: ora é o homem preso às tradições de uma família de posses vinda do meio rural, ora é o homem que busca modernizar-se na tentativa de ultrapassar tais condições, formando-se em advocacia e mantendo os requintes da vida urbana europeia transplantada para o meio social brasileiro. Bento Santiago parece ser esse homem: um e outro ao mesmo tempo.

Aliado a esse aspecto, temos também um tratamento machadiano da história e sociologia do próprio Brasil, que se impregnam no enredo por meio das condições de vida dos personagens e também de suas ações. O romance *Dom Casmurro* revela traços da elite aristocrática do Brasil do século XIX, tentando acertar os ponteiros do relógio da sociedade europeia civilizada. Diante disso, o tempo histórico real em que a narrativa de Machado está inserida tem significância primordial nas decisões da família de Bentinho e na maneira com que a própria personagem procura enxergar o mundo. Isto é fundamental para o desenvolvimento do *Bildungsroman* dentro do enredo do romance. Em Bentinho, portanto, se concentram o menino que sai do mundo rural e o homem refinado da capital do Império, modificando hábitos, contraindo outros, dentre os quais a capacidade de mentir e fingir em público — esta é a sua formação. O fim do casamento, por suspeita de adultério de Capitu, dá-se sem ruídos, sem escândalos, como convém ao homem refinado da Corte.

Um exemplo claro disso é a configuração das próprias personagens dentro da narrativa. Na casa de Bentinho, conviviam a prima Justina, o tio Cosme, o agregado José Dias e a mãe viúva dona Glória. Além disso, havia a presença indireta do falecido pai da personagem, Pedro de Albuquerque Santiago, que reforça a base da estruturação da elite brasileira dentro da narrativa. Diante desse pano de fundo, somos apresentados, por meio do discurso não ingênuo, mas calculado e hipócrita de Bentinho, à própria estruturação do Brasil do século XIX, assim como deixa claro em alguns trechos do romance:

Minha mãe era boa criatura. Quando lhe morreu o marido, Pedro de Albuquerque Santiago, contava trinta e um anos de idade, e podia voltar para Itaguaí. Não quis; preferiu ficar perto da igreja em que meu pai fora sepultado. Vendeu a fazendola e os escravos, comprou alguns que pôs ao

ganho ou alugou, uma dúzia de prédios, certo número de apólices, e deixou-se estar na casa de Mata-Cavalos, onde vivera os dois últimos anos de casada. Era filha de uma senhora mineira, descendente de outra paulista, a família Fernandes. (ASSIS, 2009, p. 22)

Como é notório, a história do Brasil se faz presente na narrativa machadiana. A obra *Dom Casmurro* em nenhum momento se exclui do contexto histórico em que foi inserido. Isso reforça o que defendem alguns críticos a respeito da obra de Machado: “A ficção de Machado contém uma visão bastante coerente da história brasileira do século XIX” (GLEDSON, 1991, p.86). De tal modo, não se pode negar que o tempo histórico destacado por Bakhtin molda diretamente o olhar de Bentinho a respeito do mundo que pretende dar a conhecer.

Isso fica claro no trecho subscrito do próprio romance que revela a condição econômica e social da família do jovem casmurro. A mãe viúva de Bentinho tinha muitas posses e, apesar de ter vendido grande parte delas devido ao falecimento do marido, o padrão de vida social não foi rebaixado com a mudança definitiva para a casa de Mata-Cavalos. Bentinho cresce em um ambiente de talhe aristocrático; sua família exercia uma posição social de poder. Os pais eram donos de escravos, de boas terras e boas casas, e exerciam influência econômica e social no contexto da época, sendo personagens encontradas na própria realidade do Brasil do século XIX. Além disso, a presença dos parentes, prima Justina e tio Cosme, e do agregado José Dias na casa da viúva dona Glória, reforça a posição de elite em que o próprio Bentinho nasceu para ocupar, pois tais personagens ocupam apenas o papel de parasitas na narrativa da vida de Bentinho, que de certo modo, porém, influenciam diretamente na compreensão social do jovem. Ele era o “Nhonhô Bentinho”, e os demais eram apenas agregados à narrativa de sua vida.

Esse aspecto do romance aponta para mais uma lógica do *Bildungsroman*, que na história da literatura é compreendido também como gênero correspondente à formação da burguesia. Se Bentinho, como já declarei, é um homem de sua classe e reflete essa classe, reflete também as instituições brasileiras dominadas pelas elites. É uma coisa que quer aparentar ser outra coisa. Ele se forma nesse contexto histórico; e, por isso, sua história pessoal é a história do Brasil do século XIX também. Avaliando isso, podemos dizer que o desejo de Bentinho se firmar em uma sociedade, cujas regras já eram definidas, nasce exatamente dentro desse contexto. Sem dúvida, a condição de sua família influencia diretamente nesse desejo e conseqüentemente molda a maneira como a personagem de Machado se insere na narrativa.

2.2 O lugar da família e a mulher no Brasil do século XIX

É quase incontestável o fato de que a narrativa de *Dom Casmurro* é um mapeamento do Brasil do século XIX. Além da representação da elite brasileira desse período, o romance apresenta, sob o olhar de Bentinho, o lugar da família e da mulher que integra esse panorama social. É notória no esquadramento do enredo a fidelidade de Machado ao realismo social e histórico da época. O autor desenvolve personagens comuns ao contexto do século XIX, tais como o filho exemplar, a viúva devota, o agregado, o tio bacharel, a prima donzela e o padre. Nesse contexto, desenvolve-se Bentinho em um ambiente familiar patriarcal, religioso e conservador, em que se destaca a afeição materna e feminina, devido à ausência de seu pai, que faleceu quando ele ainda era criança.

Diante desse cenário, percebemos que o enredo de *Dom Casmurro*, com uma constante ironia, simula uma adesão ao componente religioso, que se destaca principalmente no ambiente familiar, como se os eventos e os acontecimentos narrados fossem, outrora, predestinados. Esse é o caso que acontece na vida de Bentinho, o qual já nasce prometido a sacerdote. Como um filho da promessa feita por sua mãe, deveria ser mandado ao seminário ainda criança. A morte do pai prolongou sua estada na casa de Mata-cavalos; nesse sentido, sua mãe assumiu a responsabilidade de sua educação, e essa “educação” passa necessariamente pelo fingimento adaptativo, que é normal ali e hoje ainda. Nesse sentido, com a ausência do pai, não teve em sua educação a influência de uma presença masculina ativa; desse modo, restaram apenas as presenças masculinas determinadas pelo seu contexto, o padre Cabral, o tio Cosme e o agregado José Dias.

Bentinho é criado com a forte influência religiosa do catolicismo. Esse aspecto do romance aponta para mais um fator externo da sociedade da época, grande responsável pela formação dos filhos da elite brasileira de então. As famílias da elite do século XIX preservaram, por imitação, por ajustamento ideológico às nações europeias católicas, a tradição católica em detrimento de qualquer outro valor. Machado de Assis traz um exemplo muito evidente dentro do contexto da própria obra. Dona Glória, a mãe de Bentinho, era devota e extremamente religiosa; sua principal prioridade era cumprir a promessa de fazer seu filho padre.

Diante desse aspecto do romance, percebe-se também a predominância do conceito de tempo histórico real destacado por Bakhtin. *Dom Casmurro* é formado pelo seu próprio contexto, com personagens cujo comportamento alude a modos que não são exatamente nativos, mas os dos países de prestígio cultural, como a França, naquele momento. Sem dúvida, isso molda a forma de a personagem Bentinho enxergar dona Glória e principalmente o modo como ele passa a ver Capitu, tendo em vista que a mulher do Brasil do século XIX ocupava lugares específicos e determinados pela sociedade, como o papel de mãe, esposa e dona de casa.

Esse aspecto social merece um adendo que emerge a partir do próprio texto de Machado. Como já ressaltado, dona Glória assume a educação do filho, fazendo que ele fique mais tempo em casa, colado a si de maneira muito protetora. Por conta disso, Bentinho não chega a frequentar a

escola, como era comum aos meninos da elite de sua idade; nesse sentido recebe uma educação caseira, sendo introduzido nas primeiras letras pela própria mãe. Esse fato do romance foge do que era comum ao âmbito social da época, pois, ao contrário de Bentinho, Capitu chega a frequentar a escola e recebe uma educação que, devido à organização do contexto, não seria destinada a ela, assim como aponta Ana Maria Mauad, no seu texto “A vida das crianças de elite durante o império”, em que autora especifica a diferença entre a educação masculina e a feminina destinada às crianças daquele período:

Basicamente na valorização dos atributos manuais e intelectuais, sendo os primeiros concernentes ao universo feminino e o segundo ao masculino, mas também no tempo de duração da instrução. Os meninos da elite iam para a escola aos sete anos e só terminavam sua instrução, dentro ou fora do Brasil, com um diploma de doutor, geralmente de advogado. [Além disso] os meninos tinham uma opção alternativa aos colégios particulares, podendo optar por uma formação militar. [Os colégios passam a fazer parte das aspirações das famílias] a partir da segunda metade do XIX, também nas fazendas, os pais poderiam instruir seus filhos nos colégios, em vez de mantê-los em casa, com uma preceptora; mas tal escolha só era feita a partir dos sete anos de idade. (MAUAD, 2015, p. 152)

Sem dúvida, esse elemento do enredo, inserido na história de Bentinho pelo olhar realista de Machado, reforça o fato de que a imagem de Capitu, formulada pelo adulto Casmurro, perpassa, antes de tudo, aspectos do contexto social. Capitu fugia dos padrões de mulher ideal diante da perspectiva da elite do século XIX. A educação que Capitu, por via de regra, deveria receber, era a educação que moças das classes baixas e da classe média tinham naquele momento histórico: aprendiam a ser donas de casa para poderem depois se casar com alguém mais ou menos da mesma classe. No entanto, a menina chega a frequentar a escola, o que não era comum ao seu contexto.

Permeando esse fato, a ironia de Machado revela explicitamente sob quais influências se desenvolveram a personalidade e a visão de mundo do jovem Bento. Sem a influência masculina de seu pai, Bentinho cria-se na condição de protegido pela mãe, como um menino frágil, mimado, ocupando, de qualquer modo ou principalmente, uma posição social privilegiada, para exercer seu lugar na elite aristocrática e desenvolver tranquilamente seu ideal de formação.

3. “Atar as duas pontas de vida e restaurar na velhice adolescência.”

Como já mencionado, um dos focos do *Bildungsroman* é a apresentar a trajetória percorrida pelo protagonista durante o processo de sua formação e sua transição para a idade adulta. Essa

característica do gênero se manifesta em uma obra literária de diversos modos. Tal compreensão é destacada pelo teórico Franco Moretti em seu livro *o romance de formação*.

Uma das principais características do romance de formação destacada por Moretti apoia-se na ideia de que na narrativa em que predomina o feitiço do *Bildungsroman*, o “eu” é construído e colocado como centro indiscutível e intransponível da própria estrutura. Em outras palavras, a personagem principal do romance de formação movimenta e conduz todo o enredo, pois, como já destacado, o foco do romance é a maturidade e o desenvolvimento cognitivo-emocional do herói. Tal aspecto é apresentado em *Wilhelm* por Moretti. Considerando isso, o teórico ainda ressalta que, para o herói chegar à maturidade, é necessário que ele tenha uma compreensão de que é seu dever orientar a própria vida:

Para chegar à síntese conclusiva da maturidade, por conseguinte, não basta obter resultados objetivos uma profissão, fundar uma família. É preciso, antes de mais nada, aprender, como Wilhelm, a orientar a "trama da própria vida" de modo que cada momento reforce o próprio sentido de pertencimento a uma comunidade mais ampla. É preciso usar o aprender - tempo para encontrar para si uma pátria. Se não a procuramos, não desperdiçada: sem objetivo, sem sentido. (MORETTI, 1999, p. 46)

É um ganho para o personagem de um *Bildungsroman* desenvolver o rumo de sua própria história e induzir o olhar do leitor àquilo que lhe apraz. Correlacionando esse destaque com o romance *Dom Casmurro*, percebe-se que o objetivo de Bentinho, ao desejar “atar as duas pontas de vida”, é exatamente nortear o olhar do leitor para o seu processo de formação e, antes de qualquer coisa, apresentar-se na narrativa como o controlador de si próprio, ser o seu próprio guia cognitivo-emocional. Ele expressa, assim, o ideal do patriarca brasileiro, sua formação na cultura brasileira, na sociedade do Segundo Reinado. Bentinho persegue isso o tempo todo na narrativa: quer controlar a tudo e a todos, até os pensamentos do outro, quer dirigir tudo a um fim, que é ele mesmo, como parte da sua formação. Mas, claro, ele não consegue. Se conseguisse, estaria satisfeito e não teria escrito suas memórias para ver onde falhou – ou, melhor, para ver onde o outro falhou. A escrita da sua história é a necessidade de dizer a que veio neste mundo, buscando um sentido para tudo. Tal aspecto não afasta Bentinho de ser um Wilhelm brasileiro, e todo o romance aponta para o único fim:

No início e no final do romance, o problema de Wilhelm é sempre o mesmo: não consegue criar um “nexo”, dar à sua vida a forma de um “anel” e soldá-lo. E se tal não acontece, sua existência corre o risco de permanecer inacabada aliás, pior: sem sentido. Uma vez que “sentido” e “nexo”, em Wilhelm Meister, são uma coisa só. (MORETTI, 1999, p.45)

Assim como na trajetória da personagem de Goethe, a busca por um nexos acompanha a trajetória de Bentinho. É na tentativa de encontrá-lo que a personalidade da personagem de

Machado oscila em vários momentos durante todo o enredo que ordena e movimenta a sua história. O menino Bentinho, o seminarista Bentinho, o bacharel Bento Santiago e o aristocrata Casmurro são as diversas faces apresentadas pela personagem ao longo da narrativa e todas elas apontam para o desejo de Bentinho de encontrar sentido, apoio e nexos que viessem compor o seu processo de desenvolvimento rumo à maturidade.

São essas particularidades que configuram, antes de tudo, o enredo dinâmico dessa obra machadiana, por meio das quais se notam aspectos essenciais destacados por Moretti para a compreensão do romance de formação. Pensando em tais aspectos, o teórico apresenta dois princípios organizadores do texto, o princípio de “classificação” e o princípio de “transformação”, que segundo ele estão presentes em todas as narrativas desse gênero. Esses princípios são, sem dúvida, encontrados no enredo de *Dom Casmurro* e comprovam o enquadramento da obra de Machado em tal tipologia de romance.

Partindo desse pressuposto, um olhar atento para a narrativa de cada fase da vida de Bentinho é fundamental para a compreensão do *Bildungsroman* machadiano e também para responder às principais questões suscitadas a partir do enquadramento de *Dom Casmurro* no gênero aqui destacado: Quem é Bento Santiago? Como se deu sua formação?

3.1 A infância em Mata-Cavalos: a ausência paterna e a primeira formação.

A imagem da criança Bentinho é formulada pelo adulto Bento Santiago. O narrador recorre ao passado e o primeiro momento da narrativa é exclusivamente voltado para retratar a sua infância na Rua de Mata-Cavalos. Nesse momento do enredo predomina uma linguagem mais fluida e levemente poética na condução da narrativa. Em tese, é possível que isso se explique por remeter à fase mais pura e ingênua da vida da personagem, a qual o narrador deseja destacar, pelo fato de evidenciar traços iniciais de sua personalidade.

É notório que o primeiro momento do enredo já revela em Bentinho aspectos questionáveis de sua personalidade. Como já ressaltado, a infância do menino é marcada pela ausência paterna; por conta disso, sua educação é formada a partir das interferências de sua mãe, o que, por certo, fez de Bentinho um homem inacabado. Desde a infância somos apresentados a um Bentinho sensível, inseguro, que costumava ouvir as conversas por trás das portas e imaginava mil coisas a partir delas.

No início da adolescência confessa, ingenuamente, mais uma de suas faltas, uma masculinidade mal formada, a ponto de afirmar que a jovem Capitu, por quem se apaixonara, era mais mulher do que ele era homem. Nota-se, a partir disso, que a insegurança desse narrador

personagem é revelada em seu próprio discurso e se manifesta tanto no sentido afetivo como no sexual. Capitu, pelo menos no discurso dele, sempre se mostrava astuta e capaz de se dominar diante dos acontecimentos; já Bentinho não, sempre acabava aquém da vontade da mãe e mergulhado em suas inseguranças. O curioso é que ele queria manifestar sempre o desejo de segurança e mando, até o fim do livro.

Esse fato, que marcou a vida da personagem machadiana, explica também muito de como o *Bildungsroman* se manifesta no primeiro momento do romance. Ao contrário de Sérgio, personagem da obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia, a personagem de Machado durante a infância não passa pelo período considerado como o rito de passagem, em que se desperta o desejo do herói pela maturidade, tal como ocorre com Sérgio, sob influência de seu próprio pai. No entanto, está implícito em *Dom Casmurro* como seria essa passagem: do campo para a cidade, de família rica do interior para a capital do Império, da vontade de mando e prestígio para sua continuação de patriarca, com poder de mando e prestígio, na cidade. Pode-se dizer que, assim, se acentuam as qualidades pregressas na vida presente, e por isso qualquer arranção nessa dignidade causaria temor e torpor nesse narrador fidalgo.

Bentinho não teve a chance de ir à escola. Com a ausência paterna, sua vida já havia sido traçada à sombra da mãe, em sociedade patriarcal, e se derrama por todo o livro a promessa de que dona Glória desejava a todo custo cumprir e tornar o filho sacerdote. Diante deste desse aspecto, percebe-se que uma das lógicas do *Bildungsroman* tradicional, que seria basicamente arquitetada no princípio de que a educação do filho deveria ser submetida às ordens e exigências do pai, é rompida no enredo machadiano exatamente pela ausência da figura paterna na vida de Bentinho, papel esse que ele mesmo busca ocupar, conforme o modelo vigente do papel paterno e patriarcal, pouco a pouco, submetendo todos à sua vontade. É por isso que ele não impede que a própria personagem, no caso ele próprio, se rebele diante daquilo que sua mãe havia determinado para sua vida. Apesar de o narrador não deixar explícito no primeiro momento da narrativa a perspectiva que ele próprio traçou para sua vida, percebe-se que isso não o afasta do que destaca Moretti como uma das lógicas principais das personagens do *Bildungsroman*, que seria a sedução do herói por influências de outra realidade e o desejo de fazer parte de outro mundo, prova do seu amadurecimento.

É diante desse aspecto que surge em Bentinho uma indecisão com relação à promessa feita por sua mãe, que, afinal, determinaria todo percurso de sua trajetória. Diante dessa dualidade, entre ser ou não ser padre, surge na figura de Bento Santiago um desejo: a necessidade de controlar a sua formação. Tal desejo nos remete claramente ao que Franco Moretti destaca como princípio de classificação:

Quando prevalece o primeiro da tradição inglesa e na forma clássica do *Bildungsroman*, as transformações narrativas encontram o seu sentido em

um desfecho marcado: aquele em que é possível instituir uma classificação diferente da inicial, mas absolutamente clara e estável; definitiva. Essa retórica teleológica -o que dá sentido aos eventos é sempre e somente o seu objetivo equivalente narrativo do pensamento hegeliano, ao qual se liga, aliás, uma considerável vocação normativa: os eventos adquirem sentido ao conduzir a narrativa a um único objetivo. (MORETTI, 1999, p. 32)

Esse princípio está presente na primeira fase da vida de Bentinho, o adolescente apaixonado pela vizinha — era paixão mesmo ou era cálculo puro, instrumentalização da outra pessoa para chegar a seus fins? —, o adolescente que deseja buscar estabilidade emocional e familiar, a fim de completar seu estar no mundo. Neste caso, se o propósito formulado pelo personagem fosse cumprido sem nenhuma dificuldade, o romance estaria completo e alcançaria o objetivo, seguindo o modelo de Goethe (o modelo clássico desse tipo de romance), o herói se realizaria, e talvez nos fosse revelado um outro Bentinho, provavelmente com o fim da narrativa de sua vida não tão dramático, como é apresentado ao fim de *Dom Casmurro*.

Entretanto, muitos questionamentos da figura de Bentinho podem ser suscitados, pois ao que o leitor chega a saber perpassa uma narrativa articulada sob o ponto de vista do narrador personagem, cheia de digressões, devaneios e ocultações convenientes de pensamentos, fundamentais para a compreensão do *Bildungsroman* na narrativa. É constante em *Dom Casmurro* o discurso indireto, que oculta fatos primordiais para o entendimento do processo formativo do próprio narrador e que, por essa técnica de discurso, assume Bentinho o controle de tudo, inclusive do pensamento do outro.

Esse aspecto do romance não é estranho ao *Bildungsroman*, pois faz parte da construção da formação do personagem partir daquilo que o próprio protagonista deseja mostrar ao leitor, assim como destaca Moretti:

Em linhas gerais, o *Bildungsroman* faz com que o leitor perceba o texto através dos olhos do protagonista: o que é completamente lógico, visto que este é aquele que deve se formar, e a leitura se propõe, também, como um percurso de formação. (MORETTI, 1999, p. 99)

Diante disso, a leitura de *Dom Casmurro* alterna constantemente, e ao mesmo tempo em que oculta fatos do enredo, revela a *Bildungsroman*, que endossa e forma o caráter do patriarca Santiago. Ele mostra e oculta, sempre de acordo com suas necessidades de convencer-se e de convencer o outro, sobretudo o leitor. Nesse movimento de alteração e ocultação dos fatos da narrativa, percebe-se a manifestação do princípio de “classificação”, esse imerso no princípio de “transformação”, também classificado por Moretti, como podemos ver nas mais diferentes fases de vida apresentadas pelo próprio Bentinho.

3.2 “ Fui para o seminário. Poupa-me as outras despedidas.”

Em um tom desgostoso, o narrador personagem apresenta ao leitor um breve resumo concernente ao período de sua permanência no seminário de São José. Sem rodeios, no capítulo LIV, Bentinho já indica que aquela fase de sua vida não seria contada com detalhes:

No seminário... Ah! não vou contar o seminário, nem me bastaria a isso um capítulo. Não, senhor meu amigo; algum dia, sim, é possível que componha um abreviado do que ali vi e vivi, das pessoas que tratei, dos costumes, de todo o resto. (ASSIS, 2009, p. 98)

Diante disso, já se percebe o objetivo do narrador em permanecer com uma narrativa oculta, sem o esclarecimento dos fatos ocorridos durante o tempo do seminário de São José, o que o leva também por esconder aspectos importantes de outros períodos de sua vida, ou ainda, no limite, a mistificá-los em causa própria. No entanto, por mais que o narrador não declare, sua entrada ao seminário marcou processos fundamentais para sua formação. Ao longo de um ano, a sua rotina, seus estudos, seus relacionamentos e os demais contatos fraternais limitaram-se ao ambiente do seminário, o que direta ou indiretamente influenciou sua personalidade. Não foi de todo perdida, portanto, essa passagem pelo seminário.

Apesar da imprecisão do nosso narrador, bem sabemos que, antes mesmo de sua entrada, seu objetivo não era permanecer ali por mais de um ano, pois um plano para sua saída já havia sido articulado. Tudo, nele, é, pois, cálculo, no qual entraria em seguida Capitu. Desse modo, esse período exigia de Bentinho paciência para que a falta de vocação à vida religiosa fosse confirmada e para que finalmente ele pudesse confessar à mãe o seu desejo de casar com Capitu e estudar leis em São Paulo. Contudo, esse período acarretou a Bentinho um afastamento da amada Capitu e o aproximou do jovem Escobar, personagem primordial para compreensão de sua trajetória de vida.

O momento do seminário na vida de Bentinho configurou-se como um momento de provação. Afastado do seu sonho de cursar direito e amargar o período em que fica longe da amada Capitu, o menino deveria desenvolver persistência pelo desejo da vida pública, que foi interrompido sofredamente pela promessa feita por sua mãe. Nesse momento pouco se revela diretamente a respeito do que ocorre na vida de Bentinho no ambiente do seminário, pois é notório que nesse momento do enredo o narrador personagem volta uma atenção mais intensa às digressões que passam a fazer parte do enredo como elemento retórico do próprio narrador.

Diante disso, o leitor é conduzido a diversos momentos de devaneios, que, na maior parte do tempo, ligam-se à Capitu e sua vida na ausência dele. Além disso, é durante o seminário de São José que sua relação com o amigo Escobar tem início. Bentinho introduz a apresentação de seu amigo na história de maneira ardilosa e demonstra, a partir da narração, que a maior parte do tempo

de seminário era gasta nessa amizade, que seria o fio condutor para a continuação dos demais acontecimentos de sua vida, assim como aponta a própria história:

Escobar veio abrindo a alma toda, desde a porta da rua até ao fundo do quintal. A alma da gente, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro. Também as há fechadas e escuras, sem janelas, ou com poucas e gradeadas, à semelhança de conventos e prisões. Outrossim, capelas e bazares, simples alpendres ou paços suntuosos. Não sei o que era a minha. Eu não era ainda casmurro, nem dom casmurro; o receio é que me tolhia a franqueza, mas como as portas não tinham chaves nem fechaduras, bastava empurrá-las, e Escobar empurrou-as e entrou. Cá o achei dentro, cá ficou. (ASSIS, 2009, p. 97)

É exatamente nesse momento da narrativa que há uma predominância inicial do princípio de transformação. Na predominância desse princípio, como aponta Moretti (1999), reina a instabilidade, a narratividade, e o enredo é submetido a diversas interrogações e lacunas, sem respostas e sem preenchimento. Bentinho, que construiu na cabeça um ideal burguês de vida, com Capitu a seu lado, crente na maior plausibilidade dos seus argumentos de confiança e razoabilidade, é, pouco a pouco, conduzido pelo despertar do ciúme, minado pelo ciúme, vendo seu castelo de cartas desabar, e, com isso, abre no enredo lacunas irreversíveis, que apontam para o seu desequilíbrio diante do mundo e que configuram ainda mais seu anseio pela busca de estabilidade. Tudo em Bentinho é impostura, e seu ciúme por Capitu passa a não ser mais controlado. Seu desejo passa tão somente a ser a saída do seminário, e tudo acaba por tornar-se justificativa para enxergar Capitu com maus olhos. Essas características do romance apontam para a ausência de sentido da vida do personagem, que faz emergir dentro do próprio enredo a busca e o anseio por encontrar esse sentido, o que acaba por conduzir à narrativa a um discurso em torno de si próprio.

Sob esse aspecto, percebe-se que, apesar de o seminário ter sido uma fase de desconforto do jovem Bento, a situação em que a mãe o colocará contribuiu ao Bento Casmurro na ação de convencimento e persuasão, manifestada a partir de algumas de suas digressões durante esse período da narrativa. Diante disso, percebe-se que nada foge do interesse do jovem Bentinho em moldar o olhar do leitor àquilo ele de fato gostaria de apresentar. Nesse sentido, o momento do seminário não passa apenas como acontecimento sem importância na vida do jovem, pelo contrário, é um momento que, mesmo sem intenção de revelar, muito diz a respeito da personalidade do herói machadiano. Fica, pois, a pergunta: quem é Bentinho, já que perguntar quem é Capitu parece, no momento, irrelevante?

3.3 “Venceu a razão; fui-me aos estudos”

É com o ingresso nas Arcadas do Largo de São Francisco que o herói machadiano traça o limiar rumo à sua maturidade. Ironicamente, esse momento não é narrado com detalhes pelo narrador. Tudo que sabemos sobre esse período é resumido em apenas poucas linhas:

Venceu a razão; fui-me aos estudos. Passei os dezoito anos, os dezenove, os vinte, os vinte e um; aos vinte e dois era bacharel em Direito. (ASSIS, 2009, p. 151)

Esse momento na vida de Bentinho seria o rito de passagem — o ideal de uma carreira de advogado, completada por um casamento feliz, é tudo que ele queria e que o afastaria de vez da promessa da mãe e o levaria, ainda, ao caminho a que ele outrora aspirava, a vida pública na sociedade burguesa do século XIX. Nesse sentido, o ingresso de Bentinho no curso de direito seria o ponto chave para torná-lo o patriarca Bento Santiago, que se apresentaria alguns anos depois como o marido de Capitu e o pai de Ezequiel. No entanto, é nesse momento primordial que a personagem oculta todos os detalhes concernentes a essa fase, talvez mesmo como uma estratégia para não revelar os meios e o fim de sua formação. Tal ocultamento aponta novamente para uma das lógicas do *Bildungsroman*, que é o fato de o próprio protagonista dominar o ponto de vista que o leitor tem do romance. No caso do próprio Bentinho, ele mesmo propõe o ponto de vista que o leitor deveria ter de sua formação, ponto de vista que ele controla como um verdadeiro cão de guarda.

No entanto, uma leitura atenta das entrelinhas do romance, aliada à interpretação do próprio contexto histórico e social, não impede que seja revelado de fato o que ocorreu durante o período de estudo de Bentinho nas arcadas do São Francisco. Reconhecemos, a partir da narrativa, que é ainda na adolescência, ou quem sabe mesmo antes, que Bentinho demonstra seu anseio pela vida pública e sua vontade de pertencer à burguesia — naquela época, predominantemente formada por estudantes de direito e medicina.

O desejo do narrador personagem é notório em diversos momentos em seu discurso, e é exclusivamente explícito diante de sua reação às sugestões dadas por Capitu na tentativa de livrá-lo do seminário. Conforme sugeriu a amiga, Bentinho deveria insistir com a mãe que não iria ao seminário, argumentando que estudaria leis em São Paulo. Isso revela que sua fuga das demais profissões comuns ao contexto, militar e religiosa, não foi uma atitude ingênua, pelo contrário, a decisão já apontava para a intenção do personagem em ancorar-se aos novos tempos, os tempos modernos, de que o direito é um símbolo. A reação do jovem Bento aponta exatamente para aquilo que ele já desejava ser, um bem-sucedido advogado: “Estremeci de prazer. S. Paulo era um frágil

biombo, destinado a ser arredado um dia. Em vez da grossa parede espiritual e eterna.” (ASSIS, 2009, p. 42)

O tremor de prazer em Bentinho expõe a comum ambição da grande maioria dos filhos da elite brasileira do século XIX. O curso de direito levaria o personagem à autonomia intelectual e maternal, que seria o ponto de partida para seu ingresso no processo de socialização. O percurso de Bentinho percorrido no curso de direito, também justifica a retórica utilizada na condução do leitor à interpretação dos fatos da narrativa. Bentinho estuda direito e, bem ou mal, consegue inserir o *Bildungsroman*, com total intencionalidade, em seu discurso. Não somos apresentados apenas ao garoto “ingênuo”, mas também ao narrador personagem artilheiro e oblíquo, que domina todo discurso com o fim de manipular as impressões que o leitor viria a ter dele mesmo. O personagem ingressa nas arcadas do largo do São Francisco como Bentinho, e retorna como patriarca Bento Santiago. Nas palavras de sua própria mãe, “O filho é a cara do pai”.

3.4 “Tu serás feliz, Bentinho”

“Tu serás feliz, Bentinho” seria uma voz profética a anunciar a felicidade do personagem de Machado? Por mais que o fim da narrativa de Bentinho aponte que não, essa frase foi pronunciada e audível à imaginação do jovem logo após seu retorno das Arcadas do Largo de São Francisco:

No quarto, desfazendo a mala e tirando a carta de bacharel de dentro da lata, ia pensando na felicidade e na glória. Via o casamento e a carreira ilustre, enquanto José Dias me ajudava calado e zeloso. Uma fada invisível desceu ali, e me disse em voz igualmente macia e cálida: ‘Tu serás feliz, Bentinho; tu vais ser feliz. (ASSIS, 2009, p. 153)

Após formado bacharel, o jovem Bento Santiago regressa à rua de Mata-Cavalos e, em sequência, tece um prefácio daquilo que ele possuía como ideal de felicidade: o casamento com Capitu, a constituição de uma família, e uma vida em sociedade. Diante disso, a personagem machadiana perde-se em devaneios, e a “Retórica dos namorados” fundamenta o que Moretti (1999) chama de “Retórica da felicidade”.

Tal como Wilhelm, e Elizabeth Bennet — personagem de *Orgulho e preconceito* —, Bento Santiago, desejava encontrar a felicidade e realizar o que normalmente é o fim da grande maioria dos romances de formação: o casamento. O ideal da felicidade, o casamento, a formação de uma família e uma vida social bem estruturada ocupam lugar central na grande parte das narrativas compostas pelo *Bildungsroman*. É o que defende Moretti (1999).

Basicamente, isso ocorre pelo fato de o casamento ser visto como uma espécie de metáfora do contrato social. Nesse sentido, podemos entender melhor o que desde o princípio, antes mesmo de abandonar o seminário, o jovem Bento queria. O fim idealizado por Bentinho não era ser padre, mas sim casar com Capitu e confirmar o seu papel de patriarca. Para o patriarca, é essencial o casamento, a geração de filhos. Então, o ideal de Bentinho nada tinha a ver com a vocação religiosa, pelo contrário, seu desejo era ser marido, advogado e, quem sabe, ser até mesmo um político, tal como foi o pai. Nesse sentido, o casamento seria um meio, a perfeita porta de entrada de Bentinho a tão desejado planejamento social.

O casamento como metáfora do contrato social: isso é tão verdadeiro que o Bildungsroman não lhe opõe o celibato, como no fim das contas seria natural, mas sim a morte (Goethe) ou a "desgraça" (Austen). Nos casamos ou, de um modo ou de outro, teremos de sair da vida em sociedade: e ainda por mais de um século a consciência europeia verá na crise da instituição matrimonial uma ruptura que não apenas separa um casal, como destrói pela raiz- Anna Kariênina, Emma Bovary, Effi Briest- aqueles sentimentos que, justamente, mantêm o indivíduo "no mundo." (MORETTI, 1999, p.52)

Como já ressaltado, o contexto histórico em que a personagem de Machado se insere reforça que sua visão é totalmente influenciada pela elite burguesa do século XIX. É em virtude disso que podemos perceber o quanto seria benéfico para Bentinho garantir sua integração na vida familiar em todos os postos. Assim como aponta Moretti, o casamento no *Bildungsroman* é confirmação típica da felicidade para o herói de um romance. Nesse sentido, é o anseio de todos os heróis que desejam uma vida estável, totalmente oposta à liberdade: “a felicidade do *Bildungsroman* é sintoma subjetivo de uma socialização que se cumpriu objetivamente.” (MORETTI, 1999, p. 53) A estabilidade por que o herói de Machado ansiava não era simplesmente composta pela vida pacata do lar, pelo contrário, a família seria apenas o ponto de partida para o cumprimento de seu desejo de socialização.

4. “E bem, e o resto?”

O fim da vida de Bentinho remete ao que ele apresenta logo no início da narrativa, onde o próprio narrador já expõe aspectos do que viria a acontecer no desenlace do enredo. Antes mesmo de o leitor inferir qualquer pressuposto para a interpretação da obra, a narração, que começa *in ultima res*, no capítulo “Do livro”, apresenta as justificativas dadas por Bentinho para a elaboração de uma narrativa em resgate de suas memórias. Como já mencionado, o objetivo do narrador personagem era “atar as duas pontas de vida e restaurar na velhice à adolescência”. Partindo disso, somos levados ao percurso da vida do personagem machadiano, por meio de uma narrativa

elaborada para moldar o olhar do leitor a respeito das impressões que se poderia ter da própria personagem.

É por conta disso, como já ressaltado ao longo deste trabalho, que o *Bildungsroman* é incorporado no enredo e percebemos que a narração confirma isso em diversos momentos, por meio da trajetória do herói, que opta por caminhos que o levariam à formação de sua maturidade: a formação no curso de direito, a concretização do casamento e o ingresso na vida pública. Se de fato o romance fosse concretizado quando a personagem enfim conseguiu o tão desejoso casamento, poderíamos, então dizer, que o fim de Bentinho foi bem sucedido, conforme o que ele próprio havia arquitetado para sua vida. No entanto, ainda no capítulo “Do livro”, o narrador personagem revela a lacuna e angústia de sua alma, que culminaram, de fato, o fim da narrativa: “Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e está lacuna é tudo”(ASSIS, 2009, p. 08)

Tal como Meister, Bentinho deseja, a partir da narrativa, preencher suas faltas. Com isso, a suspeita de que *Dom Casmurro* foi escrito como um romance de formação apenas para conferir sentido à vida do narrador personagem é confirmada. Porém, a falta de si mesmo, a ausência de uma identidade firme e fechada, definitiva e pronta, apesar das tentativas do narrador, não são totalmente mascaradas. A tentativa, aparentemente, é bem-sucedida, caso o leitor não lance um olhar para a busca incansável da personagem por ele próprio, o que nos leva a questionar, a partir dos últimos momentos da narrativa, se o *Bildungsroman* é de fato concretizado, pois, apesar de tudo, o fim de Bentinho é extremamente solitário e triste. Nesse sentido, como em qualquer *Bildungsroman*, lançamos questionamentos se Bentinho realmente consegue alcançar a sua maturidade. Qual a sua imagem final a partir do percurso percorrido para alcançar sua formação?

Na hipótese de Moretti (1999), o herói alcança sua maturidade quando se ajusta ao universo formativo, ou alcança a socialização através da consolidação profissional, ou por meio da concretização do casamento. Nesse sentido, o protagonista do *Bildungsroman* deve, no fim, alcançar o equilíbrio consigo próprio e com o meio em que vive. No entanto, não é o que acontece com *Dom Casmurro*, e tudo que é apontado na narrativa corrobora para a certeza dessa conclusão.

Ao longo do romance, somos apresentados ao Bentinho criança por meio da narração do Bento adulto. Diante disso, o ponto de vista do narrador influencia toda a história e revela seu interior, suas ações, reações diante dos acontecimentos externos. Percebe-se, por meio disso, que o fim da narrativa permeia melancolia e tédio, revelando o lado confessional do narrador personagem, que denuncia que o fim de sua vida é marcado pela mágoa e pelo desgosto de ter sido supostamente traído.

As lacunas abertas por Bentinho no enredo denunciam que sua tentativa de *Bildungsroman* é frustrada, pois o Bento no início da velhice ainda é incapaz de abandonar sentimentos que foram suscitados ainda durante a infância, como a insegurança, o medo e o ciúme de Capitu. Nesse sentido, Bentinho não alcança sua maturidade, pelo contrário, permanece preso a devaneios e imaginações advindas de sua infância. Assim, esse *Bildungsroman* é original, pela sua proposta e pela sua configuração; é um tipo brasileiro, sem a definitivização desse gênero praticado na Europa, mas, antes, se ressentido de sentimentos de fragilidade e inacabamento do homem cultural brasileiro.

Seu desejo por socialização, a caracterização do casamento e a estabilização de sua carreira passam a ocupar o pano de fundo da narrativa devido ao espaço que a ambiguidade de sua personalidade expõe. Por trás da imagem que ele apresenta ao leitor, Bentinho não passa de um homem inacabado e de um adulto frustrado, perdido de si mesmo, tentando se encontrar a partir de uma narrativa escritural de sua vida. No entanto, falha e continua falhando. Desse modo, percebe-se que, em *Dom Casmurro*, o *Bildungsroman* é inacabado, apesar do fingimento e manipulação do enredo; o fim de Bento Santiago é revelado por ele próprio, ele não alcança sua maturidade, sua formação é falha; ele se torna um casmurro que tenta o tempo todo se passar de vítima de seu destino, quando, pelo contrário, ele é seu próprio autor.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho se procurou entender o processo formativo da personagem Bentinho sob à ótica do *Bildungsroman*. Nesse sentido, foi analisado de que modo o romance de formação está presente no enredo e, para tanto, voltamos um olhar atento a cada fase da vida do narrador personagem Bento Santiago. Apoiando-se no conceito de tempo histórico real, de Bakhtin (1997), percebemos como o contexto histórico do Brasil do século XIX influencia tanto na formação como no discurso do narrador. Diante disso, constatou-se que a obra *Dom Casmurro* é também um mapeamento do Brasil desse contexto, influenciado pelos modelos franceses e pela religião católica, o que explica muito do comportamento de Bentinho.

Vimos também como a dinamicidade do enredo contribui para a constatação do *Bildungsroman* na narrativa. Desse modo, percebemos que o caráter dinâmico da obra também explica as constantes oscilações do próprio narrador Bentinho. Um dos princípios teóricos que reforça isso é o conceito já citado, definido por Franco Moretti, como *princípio de transformação*, que reforça o fato de que as divagações no enredo são ocasionadas pelas divagações do próprio narrador diante das incertezas de sua vida.

Pela lógica do *Bildungsroman*, vimos também que o EU do protagonista é construído a partir da sua narração. Diante disso, se compreende o porquê de Bentinho ter escrito um romance

em resgate de suas memórias, apenas como uma justificativa para encontrar sentido em sua vida. Ao fim de tudo, percebemos que o fim da vida de Bentinho não saiu de fato como ele esperava, pois as lacunas abertas por ele no enredo fazem o seu esforço de narrar ser insuficiente para mascarar sua verdadeira identidade de homem casmurro, solitário e frustrado diante da vida.

REFERÊNCIAS:

- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos; Cepal, 2009.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis, impostura e realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HAUSER, A. **História social da literatura e da arte**. Trad. Walter H. Geenen. São Paulo: Mestre Jou, 1972. 2v.
- MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. Formação feminista e formação proletária: o Bildungsroman no Brasil. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n. 3, p. 65-83, 1999.
- MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Unesp, 2000.
- MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças da elite durante o Império. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Literários**. i ed. SP, Cultrix,. 1978.
- OLIVEIRA, Manoela Hoffmann. Crítica ao conceito Bildungsroman. **Revista Investigações**, v. 26, n. 1, 2013.
- QUINTALE NETO, Flavio. Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n. 9, p. 185-205, dec. 2005.
- SANTANA, Jorge Alves. Romance de formação e o caso do Kùstlerroman. **Revista Signótica**, vol. 15, no 1, jan/jun 2003.
- SCHWARZ, Roberto. **A poesia envenenada**. In: PIZARRO, Ana (Org.). América Latina: palavra, literatura e cultura. São Paulo: Memorial, 1993.
- SENNA, Marta de. **Alusão e zombaria: considerações sobre citações e referências na ficção de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003. (Papéis avulsos, 44).